Candidato da Intercel · VOTE · LEANDRO NUNES

INTERSINDICAL DOS ELETRICITÁRIOS DE SC

LINHA VIVA

Nº 1396 - 08 de março de 2018

·IMPRESSO·

O PODER DO VOTO COLETIVO

Representação dos trabalhadores no Conselho de Administração deve ser forte, responsável e compromissada com a luta dos celesquianos

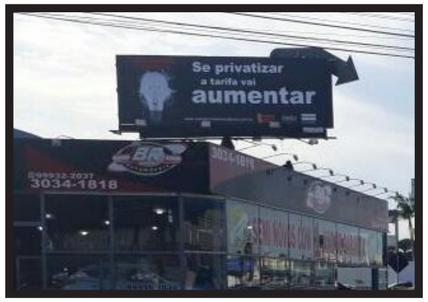
Energia não é MERCADORIA

CAMPANHA DA INTERSUL CONTRA PRIVATIZAÇÃO DA ELETROBRAS COMEÇA A SER DIVULGADA

ELETROBRAS

QUESTÃO DE ORDEM!

Suspensa a instalação da Comissão Especial para análise do projeto de privatização da Eletrobras



Na terça-feira, dia 06, uma "questão de ordem" interposta pela bancada do Partido dos Trabalhadores e acatada pela mesa impediu a instalação da Comissão Especial de análise do Projeto de Lei 9463 sobre a privatização da Eletrobras. A comissão deve ser formada por 35 membros efetivos e 35 suplentes, no entanto, de acordo com o regimento interno não pode ser instalada antes das Comissões Permanentes. Foi um revés nas pretensões do Poder Executivo que tenta apressadamente a tramitação do PL. O Projeto de Lei 9463/18, regulamenta a desestatização do setor de energia no Brasil, a ser feita a partir do aumento do capital social da Eletrobras e de suas subsidiárias.

Na prática, mais ações serão disponibilizadas no mercado – e a participação da União deve diminuir. O PL 9463 integra a pauta econômica prioritária do governo, anunciada após a suspensão da votação da reforma da Previdência por causa da intervenção federal no Rio de Janeiro. Durante as ultimas semanas, os representantes do Coletivo Nacional dos Eletricitários (CNE) atuaram intensamente no Congresso Nacional junto aos parlamentares buscando articular com os partidos políticos a indicação do maior numero possível de parlamentares contrários à privatização. Parece que as estratégias pensadas, incluindo barrar a instalação da comissão neste momento, funcionou bem.

Ainda no campo do convencimento e buscando arregimentar mais apoio político e da sociedade em geral, os eletricitários deflagraram também nas últimas semanas, mais uma etapa na campanha de mídia para contrapor as mentiras do governo sobre a privatização da Eletrobras. Em várias regiões do Brasil, já podem ser vistos outdoors e ônibus (busdoors) circulando com a mensagem de alerta à população, contra a privatização.

Na área de atuação da Intersul a campanha já está colocada inicialmente com outdoors ou busdoor em várias cidades do sul do Brasil, como Florianópolis, Joinville, Blumenau, Criciúma, Chapecó, Porto Alegre – RS, Londrina – PR e Campo Grande – MS.

Os custos desta campanha são bastante altos e estão sendo bancados pelos trabalhadores com recursos arrecadados especialmente para esse fim. É fundamental que se consiga atingir e trazer o debate para toda a sociedade. Para isso é preciso ampliar a campanha, o que somente será possível com a adesão e contribuição de todos os trabalhadores. O sucesso da luta contra a privatização depende da participação efetiva. Para aqueles que ainda não aderiram à contribuição especial os sindicatos da Intersul dispõem do formulário de autorização para o desconto da contribuição. Participe desta luta!

CELESC

O PODER DO VOTO COLETIVO

Representação dos trabalhadores no Conselho de Administração deve ser forte, responsável e compromissada com a luta dos celesquianos

A força da representação dos trabalhadores no Conselho de Administração da Celesc vem do trabalho coletivo. Vem da união entre os celesquianos, os sindicatos da Intercel e o conselheiro eleito. As informações do conselheiro e a mobilização da categoria através da Intercel tem sido a principal arma dos trabalhadores na luta por seus direitos e pela manutenção da empresa pública. Nesta luta, é a ação coletiva que traz resultados. Nenhum herói solitário pode aquilo que todos os celesquianos unidos podem. Para os sindicatos que compõem a Intercel, ninguém chega longe remando sozinho. É preciso do esforço de todos nesta luta desigual. A história nos mostra que apenas com mobilização unificada dos trabalhadores com os sindicatos da Intercel que a categoria tem avanços. A candidatura apoiada pela Intercel é credenciada por um histórico de atuação unificada. É nesta relação que as posições do Conselheiro eleito são muito mais do que um voto. Elas refletem masi de 3 mil trabalhadores juntos em um objetivo: manter nossa Celesc Pública.

Reafirmando o compromisso de uma ação responsável, ética, transparente e, acima de tudo, coletiva, o candidato da Intercel, Leandro Nunes, continua percorrendo os locais de trabalho, conversando com os trabalhadores e apresentando as ações já realizadas e as propostas para continuidade do trabalho.

SENHAS PARA A VOTAÇÃO

A eleição para Representante dos Empregados no Conselho de Administração da Celesc acontecerá nos dias 26 e 27 de março, em meio eletrônico. Desta forma, a Comissão Eleitoral divulgou nesta terça-feira, dia 06, através do email dos empregados, link para conferência da senha para votação. De acordo com a nota divulgada, o sistema eleitoral está disponível aos empregados que quiserem testar, receber ou alterar sua senha através do endereço eletrônico: http://sistemaeleitor.celesc.com.br/menu.

ELETROBRAS

O RECADO QUE VEM DO PIAUÍ E ALAGOAS

Tumulto em Assembleia de privatização

O presidente da Eletrobras Distribuição Piauí sentiu na pele os efeitos de uma privatização a toque de caixa. Na audiência pública para o processo de privatização da empresa realizada no dia 28 de fevereiro em Teresina, e em meio a protestos de trabalhadores e trabalhadoras que lotaram o local, o presidente Arquelau Siqueira Amorim Júnior acabou sendo atingido na cabeça por uma cadeira. O presidente do Sindicato dos Urbanitários, Paulo Sampaio, demonstrou o erro da gestão da empresa em atropelar o processo: "O clima está muito tenso, essa audiência é ilegal e estamos aqui resistindo. Há uma ilegalidade na tratativa, que começa pelo presidente do BNDES, que está sendo investigado, e o governo federal tem feito essa política de estado mínimo que entrega a gestão pública, as estatais, para o capital privado. Nós defendemos uma Eletrobras pública que possa receber investimentos". Representantes do BNDES que estavam presentes na audiência no Piauí também ficaram expostos à indignação dos trabalhadores que não descansaram até o final do encontro.

Na última terça-feira, dia 06 de março, não foi diferente durante a audiência que discutiria a privatização da Eletrobras Distribuição Alagoas, em Maceió. Nem o forte aparato policial pode conter a indignação de trabalhadores, líderes sindicais, estudantes e outros membros da sociedade civil. Novamente representantes do BNDES e da Eletrobras correram risco diante dos gritos, apitaços, grades quebradas, empurra-empurra, copos e sapatos arremessados em direção ao palco. Um recado claro do que ainda pode vir pela frente quando se tenta atropelar e desrespeitar a vontade de uma maioria. É preciso lembrar que, segundo pesquisa do Data Folha de dezembro do ano passado, 70% dos brasileiros são contra a privatização. Assim, os trabalhadores das diversas empresas Eletrobras são hoje uma frente de resistência para manter as estatais sob o interesse da população brasileira. Nesse caso o recado está dado: ignorar o apelo dos trabalhadores poderá ocasionar, mais dia, menos dia, conflitos como os ocorridos no Piauí e Alagoas nas demais empresas também.

LUTA

8M MOBILIZA O PAÍS

Movimento organiza greve nacional das mulheres

Para as mulheres, o cenário global ainda é marcado pela violência patriarcal e capitalista. A exploração da classe trabalhadora, as desigualdades de gênero e a intolerância são motivos contundentes que impulsionam as mulheres a saírem às ruas, em um movimento internacional conhecido como 8M. As brasileiras acenam positivamente ao novo chamado para a Greve Internacional de Mulheres, no próximo 8 de março, data em que ocorrerão paralisações e atividades de massa por todo o país. No Brasil, a tônica do 8M 2018 fica por conta do enfrentamento às medidas que retiram direitos sociais e que refletem com mais impacto na vida das mulheres. Desde janeiro, um conjunto plural de ativistas articula ações de mobilização que precederão o 8 de março em Santa Catarina. Formado por mulheres da cidade e do campo, trabalhadoras, feministas, estudantes, mulheres negras, LBTs, sindicalistas, organizadas em partidos e da área da cultura, o 8M SC procura agregar as especificidades da luta das mulheres, unificando corpos e ideias na resistência ao patriarcado e ao capitalismo.

FOTO: RUBENS LOPES

Com o mote "Se nossas vidas não importam, que produzam sem nós", além da paralisação de qualquer atividade em 8 de março, o 8M 2018 propõe um boicote às marcas que são denunciadas por trabalho escravo ou a ele coniventes e que façam apologia às diferentes violências cometidas contra as mulheres. Realizada durante um período de votações da reforma da previdência no Congresso Nacional, a pauta das reformas previdenciária e trabalhista e seus efeitos para as mulheres, são temas que também serão tratados nos atos do 8M.

TRIBUNA LIVRE

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

por Simone Consuelo Régis

Sim, hoje é dia 08 de março. Mas por favor, não me dê parabéns! Aliás, não dê parabéns nem flores para nenhuma mulher. Se você realmente respeita e admira as mulheres como dizem as dúzias de poemas melosos que li no facebook hoje pela manhã, não faça isso. Não faça isso nunca mais!

Ao invés disso, lute ao meu lado. Ajude a recordar a memória daquelas que se foram lutando, pois este dia só existe porque foi nesta data que centenas de trabalhadoras foram assassinadas dentro de uma fabrica por fazerem greve pedindo redução de carga-horária e direito a licença maternidade! Então meu caro companheiro, flores, só se forem em memória delas.

Hoje é dia de luta e de luto e não de festinhas e parabéns! Se você me respeita, venha para a rua comigo. Empunhe cartazes. Gaste sua voz para dizer "basta!". Basta à desigualdade que paga menos; que espanca; que estupra e que mata!

Não quero parabéns hoje. Quero ganhar o mesmo que você; quero andar na rua sem sentir medo; amar sem correr risco de vida. E quero você companheiro, na luta comigo!

Quando vencermos juntos essa luta. Quando o filho da preta não tiver mais que ficar em casa sozinho. Quando a mãe não tiver mais que criar o neto porque enterrou a filha vítima de feminicídio e a adolescente não tiver que ouvir que "pediu" o estupro, porque essa palavra só existirá no dicionário, nesse dia faremos uma festa e ambos mereceremos os parabéns!

Simone Consuelo Régis é trabalhadora da Celesc e diretora do Sinergia

Intercel
INTERSINDICAL DOS ELETRICITÁRIOS DE SANTA CATARINA

Linha Viva é uma publicação da Intercel
Jornalista responsável: Paulo G. Horn (MTE 3489/SC)
Conselho Editorial: Patrícia Mendes
Rua Max Colin, 2368, Joinville, SC | CEP 89216-000
E-mail: sindsc@terra.com.br
As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

A cultura patriarcal da violência

COMO NÓS A REPRODUZIMOS

por Samya Campana

A cultura patriarcal tem servido milenarmente para manter a mulher em um "devido" lugar: de submissão, de controle. Porque, em seus inícios, era preciso garantir a linhagem genética e a transmissão de bens, ou seja, a propriedade privada física e material. E só se podia fazer isso dominando e controlando a mulher, para que não existissem filhos fora da "instituição casamento", ou seja, para que a herança não fosse ameaçada. Por isso que o domínio e controle da humanidade sobre a natureza coincide, ao longo da história, com o domínio e controle sobre a mulher. É o discurso primário da propriedade, "a minha mulher, os meus genes, os meus bens, as minhas propriedades".

É essa prática e discurso que vai justificar, ao longo dos milênios, a imposição do domínio e do controle por meio da força física e violenta, afinal, era preciso sobreviver perante a competição e a luta, num contexto de escassez, insuficiência, falta ou limitação. Assim é que ocorreu a formação da sociedade capitalista, a chamada 'acumulação primitiva': por meio das conquistas violentas, dos saques, das pilhagens, da pirataria, do roubo, das fraudes.

Não por acaso se diz que a violência é a parteira desta velha sociedade, pois a violência é uma potência econômica. Contudo, é essa velha sociedade que traz em suas entranhas uma nova sociedade.

Desde então, a sociedade evoluiu e não depende mais da força física para se reproduzir, nem da competição ou da luta, diante de uma suposta "escassez, insuficiência, falta ou limitação". Não depende das guerras. Mas isso ainda existe, porque introjetamos e reproduzimos isso como prática e discurso, resquícios da velha sociedade parida.

Muito ao contrário da prática e discursos que querem naturalizar o estado caótico de coisas, hoje, a escassez, a falta, a insuficiência, a limitação, a incompetência, o medo, enfim, toda a prática e o discurso de rebaixamento são artificialmente produzidos, são construídos não necessariamente por nós, mas estão introjetados em nós. Somos reprodutores ao não questionarmos nossas próprias posturas, ao não questionarmos uns aos outros e a impedir que isso ocorra.

Dessa maneira é que temos – supostamente - a explicação para a nossa condição de infelicidade (mas nem desconfiamos ou questionamos se isso é verdade ou não): a minha luta para vencer (porque 'não sou vencedor'), a minha luta para ter bens, a minha casa grande (porque sou escravo), a minha luta para ser o senhor/gerente (porque sou servo), a minha luta no trabalho (porque...), a minha luta para me manter/ter um trabalho (porque sou miserável).

Ou seja, temos profundamente arraigada a ideia e a práxis equivocadas - de que nós, trabalhadores, somos seres miseráveis social e espiritualmente. E dessa condição lutamos para nos afastar. Desejamos a todo custo nos afirmar, desejamos o reconhecimento, mas não questionamos o modus operandi da desigualdade e da violência que a mantém. Eis que as contradições aparecem.

A questão é que tudo isso são falsos problemas, não pertencem a nós como seres humanos, não é algo natural, da natureza humana, porém isso serve para garantir o domínio de alguns sobre muitas pessoas. Sabem como?

Basta prestar atenção nas elites. As elites não sofrem dessas coisas que nós, trabalhadores, sofremos. Sua condição de infelicidade não vem da falta, da escassez, da insuficiência, da limitação, da incompetência. Seu sofrimento está relacionado à raiva de perder o domínio e o controle, à raiva de não estar mais dominando e nos controles das situações. Como diriam os antigos, raiva de "não estar por cima da carne seca".

Por isso, são elas que produzem, desde milênios e até hoje, a prática e o discurso da guerra, da violência, da falta, da escassez, da insuficiência, porque isso são meios para dominar e controlar a maioria "miserável". Essa é a origem dos nossos problemas, da nossa falta de paz: o desejo de alguns de dominar e controlar a tudo e a todos os que não pertencem à "casta". Assim nasceu e se perpetua a sociedade patriarcal.

Desde governos, empresas, passando por relacionamentos interpessoais e pessoais, isso é uma prática e um discurso que funcionam muito bem a um grande número de pessoas, mas justamente porque poucos questionam a essência dessa lógica - embora sejamos a maioria. "O país tem desigualdades, porque falta..." (sempre falta algo, já perceberam?). "A empresa vai mal porque os resultados são insuficientes" (será mesmo? A quem interessa dizer isso, quem diz, estabelecido por quem?). "Eu me mato de trabalhar, porque preciso vencer na vida" (porque não sou vencedor). "Estou nesse relacionamento porque não tenho para onde ir" (eu sou uma pessoa limitada).

Nos condenaram a viver uma lógica de servidão, de escravidão, pois somos, antes de qualquer coisa, os miseráveis, os peões, a boiada, a massa de manobra. E nós aceitamos, aprendemos que é assim, que o "mundo bom" não é para todos, mas que o mundo é injusto e a ele devemos nos adequar.

O triste é que nós, que não somos da elite, mais do que "jogar esse jogo", reproduzimos isso ao não refletirmos. Usando a velha estratégia das elites, montadas na sociedade patriarcal e da violência, por quantas vezes rebaixamos o outro para dominá-lo e controlá-lo? Em quais momentos fazemos isso?

Claro que quando compreendemos que isso pode fazer parte de uma estratégia, será uma tática bem-vinda para não enfrentar de uma só vez a fúria dos Titãs, a fúria daqueles que não querem perder o poder de nos controlar e dominar, e que nos destruirá, caso não estejamos preparados para a "guerra". Afinal, qual o senhor que gosta de ver os escravos se rebelarem? Qual machista gosta de ver a sua mulher com atitudes que fogem ao seu domínio e controle, daquilo que ele acha o certo? Qual chefe sabe suportar críticas de seus "subalternos"?

Entretanto, hoje, as guerras, os ataques não são pela escassez, pela falta, pela incompetência, mas pela abundância alheia diante da mesquinharia própria, da ambição por domínio e controle, diante da necessidade de ter para si aquilo que o outro tem. Quando "eu te ataco, eu quero o que você tem (sua inteligência, seu prestígio, sua sexualidade, sua respeitabilidade, etc), eu quero te dominar e te controlar". Fazemos isso sem pensar.

Por isso, o ato mais brutal de um ser humano dessa relação de domínio e controle levada à sua última consequência, e que só pode ser por meio da violência é: o assassinato e/ou o estupro. No assassinato, "eu te domino e te destruo". A guerra é o extremo. Na violência sexual, "eu te domino (te destruo, simbolicamente, à tua alma) e te controlo". Mas é preciso ainda, como reza a cartilha patriarcal, divulgar ao mundo o feitio, o ato da dominação e do controle.

> ***"O domínio e controle da humanidade sobre a natureza coincide, ao longo da história, com o domínio e controle sobre a mulher. É o discurso primário da propriedade, a minha mulher, os meus genes, os meus bens, as minhas propriedades"***

Na impossibilidade de se chegar a essa última consequência (o assassinato e/ou o estupro) vão existir como naturalizados o ataque difamatório à sexualidade das pessoas, a avaliação condenatória de seu comportamento sexual, as mentiras e fofocas a respeito de "quantas e quais mulheres eu dominei e controlei".

A violência sexual simbólica - junto da violência física do agredir, bater ou xingar - é a outra forma original da violência elitista e patriarcal. Quantas pessoas conhecemos ou vemos, inclusive na mídia, pessoas que já passaram por isso? Quantas vezes e em quais momentos, nós mesmos, já reproduzimos esse tipo de postura?

Rezar conforme a cartilha patriarcal significa que, diante de uma profunda raiva – porque "queremos dominar e controlar o outro", porém, não podemos "matar, estuprar, ou, não cabe usar o discurso da insuficiência, falta, limitação, incompetência alheias, ou, não posso declarar guerra fisicamente" - "faremos uso da guerra/violência simbólica, para destruir e/ou controlar o outro", para submetê-lo a uma inferioridade que nos colocará sob o comando e num nível superior.

O triste dessa história é nós, que não somos da elite, reproduzirmos suas táticas primitivas e de baixo nível (em busca de dominar e controlar, de exercer poder sobre o outro, o que só pode ocorrer, obviamente, por meio da violência), entre nós mesmos, os "servos e escravos" dessa história.

Samya Campana é economista